

RELIGIÃO E MAGIA ENTRE OS GREGOS: FATOR DE UNIDADE OU DIVERSIDADE CULTURAL?

Maria Regina Candido^{**}

Resumo:

Na sociedade dos atenienses do período clássico, a religião que ligava os homens aos deuses deixa transparecer que transitava por vias alternativas como as práticas da magia. Os ritos da religião oficial definem-se como fator de unidade cultural, e a magia tendia para a diversidade e contradição poliade entre os cidadãos gregos.

Palavras-chave: magia; ritos; religião; atenienses; defixiones.

Quem podia imaginar que os gregos, defensores da ideia de democracia, do debate e do direito ao voto, eram praticantes da magia *para fazer mal ao inimigo*, realizada de maneira oculta, em região de interdito e através das perigosas dobras noturnas da noite? A partir da obra de Hesíodo, intitulada **Os trabalhos e os dias** (vv.342-355), podemos afirmar que, para o grego, se alguém começar tanto dizendo quanto fazendo algo indelicado, pagará a ofensa duas vezes mais (CANDIDO, 2004, p.100). A afirmação nos remete a duas posições bem definidas para os gregos do Período Arcaico ao Clássico: devemos ajudar os amigos e prejudicar duas vezes mais o inimigo. A vingança entre os gregos tinha um valor positivo e deveria ser buscada por aqueles que se considerassem lesados por alguém. Logo, era lícito retribuir uma ingratidão ou desrespeito, pois, nessa sociedade, temia-se a vergonha da ofensa, que atingia a honra e acarretava a desqualificação moral do indivíduo diante dos demais integrantes da comunidade ao qual pertencia.

Todo cidadão de Atenas, envolvido numa situação de desordem pessoal e movido por um acentuado sentimento de raiva, ódio e rancor por sentir-se

* Professora adjunta de História Antiga e coordenadora do NEA/Uerj. Atua no PPGHC da UFRJ e no PPGH da Uerj.

lesado, podia usar como recurso as instituições legais. Apresentar queixas sobre alguém prejudicial à comunidade *poliade* era uma obrigação do cidadão ateniense e um mecanismo de controle social da *pólis* visando manter *o bem comum*, a *unicidade* da lei válida igualmente para todos os cidadãos. Através da pesquisa de Maria C. Fialho, podemos afirmar que a *unidade* e a identidade helênica conhecem as tensões, as fissuras e as oposições de alteridades internas em meio à organização *poliade*, no momento em que o *Outro* pode também ser um cidadão, um grego atuando como rival, inimigo, adversário, infrator de códigos de comportamento determinados pela *pólis* (FIALHO, 2010, p.114) e prejudiciais a algum cidadão.

Em situação dessa natureza, segundo Marcel Detienne, cabia ao cidadão trazer a questão para *es meson* – para o meio, ou seja, tornar pública a querela da qual está sendo vítima (DETIENNE, 1981, p. 48). Por sua posição geográfica, o meio torna-se sinônimo de publicidade, de interesse da comunidade *poliade* em busca da manutenção da *unicidade* da ordem pública. O instrumento utilizado é a palavra proferida em voz alta, na forma de diálogo – que está em oposição à palavra mágico-religiosa recitada em voz baixa e determinada pelos deuses (DETIENNE, 1981, p.51). A palavra diálogo, fundada essencialmente no debate, é que leva ao acordo mediado pelo grupo de cidadãos que se manifesta pela aprovação ou desaprovação, como determina a tradição *poliade*.

A inimizade pode, também, ser resultado de agressão, provocada ou não, que tem como resposta a autodefesa ou a indenização obtida processualmente. A questão de quem começou a rivalidade/animosidade era crucial para os gregos, pois, uma vez responsabilizado alguém por ter iniciado a hostilidade, o outro passa a se julgar no direito de revidar. Apesar de tudo, essa não seria a única forma de fazer valer a justiça: havia outras vias pelas quais o cidadão de Atenas, no período clássico, passa fazer valer diante do que achava ser de direito. No caso, nos aproximamos de ação alternativa e considerada ilegal pelos oradores áticos: as práticas da magia dos *katadesmos*, que integram a diversidade de crenças religiosas dos atenienses.

Podemos afirmar que o enunciado mágico presente nos *katadesmoi* articula-se como uma mensagem composta por palavras. O texto impresso na superfície das lâminas de chumbo nos remete aos problemas vivenciados no cotidiano dos atenienses e que a formulação de um discurso não é mais exclusiva de quem possui o dom da palavra, mas pertence igualmente aos

integrantes da comunidade. A nossa questão está em delinear qual o princípio lógico que serviu de matriz e sustentação para que parte da população dos atenienses acreditasse na capacidade do homem em intervir e alterar o seu devir e fazer valer a sua vontade.

Aristóteles, na obra **Metafísica** (VI,1, 1025b25), deixa transparecer que a cosmologia jônica direcionava o seu interesse para o *bios theorétikos*, visando, entre outras, à compreensão do *kosmos* e sua dimensão, rejeitando abordar questões práticas relacionadas aos problemas que atingiam o cidadão no seu cotidiano. Entretanto, as explicações acerca dos fenômenos da natureza, afastadas da abordagem mítica, usavam da formulação de enunciados matemáticos – o *Quadrivium* das ciências matemáticas (PLATÃO. **Protágoras**, 318e) – que nos induz à polêmica entre a teoria e a prática; entre o debate e a demonstração. No discurso matemático, não há discussão, debate ou enfrentamentos, e sim a demonstração visível de que *a linha é o caminho mais curto entre dois pontos*.

Entretanto, as questões menosprezadas pela abordagem teórica parecem ter retido a atenção dos *sofistas* e dos *magoi*: ambos usam da palavra e disponibilizam um saber prático para um público específico. Ambos garantiam atender às necessidades imediatas com eficácia de como apreender as leis que regem atividades caoticamente dispersas na vida cotidiana. Identificamos esse público de interessados como sendo parte dos emergentes das atividades mercantis e do comércio, tendo em vista o alto preço cobrado tanto pelos *sofistas* quanto pelos *magoi* para realizar os serviços solicitados por parte da elite de Atenas.

Ambos apresentam-se como artesãos da palavra, artefato fundamental para compor o discurso que tem em comum o princípio de ataque e defesa. O solicitante expõe a situação de conflito e a acentuada determinação em derrotar o oponente. O sofista ensina o uso eficaz da palavra carregada de acentuada emoção para convencer, persuadir, visando fazer valer a opinião nas assembleias e tribunal, porém, a persuasão do discurso sofisticado parece impor uma recepção passiva. O *magos* aparece como aquele indivíduo detentor de um saber e habilidade específica, capaz de interceder em favor do solicitante com o objetivo de definir o conflito de acordo com os interesses do usuário da magia.

O cidadão fazia uso da magia em duas situações: ao sentir-se lesado, prejudicado pelo seu oponente, que parece usar da *lei do mais forte* para

tornar inoperante a sua atividade, seus negócios ou trazer a desonra ao seu nome. Nesse caso, de *forma preventiva*, o solicitante fazia uso da magia para trazer o prejuízo ao inimigo, visando assegurar a impossibilidade de ação prévia do adversário. Outra situação define-se quando o usuário da magia, acometido pelo sentimento de inveja/*phthonos* e despeito diante da sua incapacidade de sucesso, decide, de *forma ofensiva*, impor a ruína aos adversários através da sua destruição física ou moral, uma forma de remover um obstáculo do caminho.

O solicitante, usuário da magia, tinha que recorrer ao especialista que dominava a *techné* mágica de realização do ritual para *fazer mal ao inimigo*. Por um lado, magos e sacerdotes, por vezes, se confundem nas suas funções, pois ambos realizam rituais de contato dos homens com os deuses e seres sobrenaturais ao realizarem as suas atividades ritualizadas. A diferença está no tipo de culto a ser praticado: o sacerdote realizava ritos e cultos de maneira pública, visando ao benefício da comunidade coletiva, e o *magos*/feiticeiro realizava o culto de maneira oculta, para atender ao interesse pessoal e particular do solicitante.

Como era realizada a magia do *katademos*?

A magia para *fazer mal ao inimigo* tem os seus indícios através da tragédia **Medeia**, de Eurípides, mencionada no texto dos oradores áticos, como Demóstenes, Hipérides, e nos foi identificada por Platão, nas **Leis**, ao mencionar a existência de lâminas de chumbo, cujo nome era *katadesmos* ou *defixiones*. O nome deriva do verbo *katadeo*, que significa amarrar, prender, imobilizar alguém embaixo da terra. O termo tece aproximações no sentido de afundar, enterrar, ocultar, e tem como equivalente, na língua latina, a palavra *defixios/defixiones*, ou seja, o termo mantém o sentido de fixar embaixo da terra o nome do inimigo junto ao mundo dos mortos.

Existe uma diversidade de nomes de práticas mágicas para *fazer mal ao inimigo*, entre elas as palavras *katádesmos* e *defixios*, que identificam as finas lâminas de chumbo que circularam no universo do Mar Mediterrâneo que banhava o continente grego, romano e africano a partir do século V a.C até ao VI d.C. A motivação sempre está relacionada à animosidade contra alguém.

Aristóteles, na obra **Retórica** (1382a), nos afirma que o ódio é incurável e acentua o desejo de fazer mal ao inimigo. O solicitante, junto com o *magos*/feiticeiro, evoca as divindades míticas como Cérbero, Hermes, Hécate e Perséfone, e grava tais nomes nas lâminas de chumbo. O usuário

da magia expressa desejo de eliminar o inimigo decretando a sua morte, a partir da identificação da parte do corpo do adversário a ser prejudicada. Dentre os procedimentos do ritual, está a ação de personificar o inimigo através de pequena figura humana com a inscrição do nome do adversário encravado na perna direita.

Os relatórios de escavação apontam para tais objetos enterrados em determinadas sepulturas de indivíduos mortos antes do tempo, junto com pedaços de vestuário e unhas do inimigo, fios de cabelo enrolados às lâminas de chumbo. O usuário da magia, em meio ao sentimento de ódio, deseja profundamente que seu inimigo deixe de existir (ARISTÓTELES. **Retórica** II, 1382a) e, para materializar o seu desejo, constrói a figura de chumbo, demarcando o sexo e o nome do inimigo, e coloca vários pregos fincados no corpo da figura, representando todo o prejuízo e dor que lhe deseja.

A questão torna-se interessante ao seguirmos a proposta de Marcel Detienne diante do incomparável e estabelecermos uma ligação com o grupo étnico do Kongo, que também constrói um ser de interdito com o corpo coberto de pregos, segurando um punhal na mão direita e a boca semiaberta, local em que será colocado o nome e/ou os pertences do inimigo (FALGAYRETTE, 2002, p. 102). Em outra região africana, do Tongo e Benin, anteriormente conhecido como Dahomé, encontramos ações mágicas que usam da *maneira de fazer* esculturas humanas com o sentido da magia para fazer mal ao inimigo.

As estatuetas também apresentam aspectos de um ser de interdito, porém, em lugar de pregos, a figura esculpida em madeira apresenta fios enrolados ao corpo. O ser de interdito intitula-se **Botchio** ou **Boccie** que, na linguagem yoruba, significa dar força/poder ao corpo morto para atender às solicitações dos vivos (KERCHACHE, 1988, p.390).

Ensaia uma comparação da magia dos gregos com as práticas mágicas africanas para fazer *mal ao inimigo* e os rituais do Candomblé da Bahia, Cuba e Caribe, assim como os *rituais vodú de magia negra*, pode parecer uma insensatez. Entretanto, analisando deuses como Hermes/Exu, Hécate/Pomba-Gira como mensageiros, assim como os vestígios arqueológicos de rituais de sacrifícios, entendidos como despachos realizados nas encruzilhadas e nos cemitérios, e superando o preconceito, podemos estabelecer mais similitudes do que diferenças. Toda sociedade mantém práticas que visam afastar os maus presságios, assim como tornar inoperante a ação dos inimigos.

As práticas mágicas no mundo antigo tinham diferentes finalidades e circulavam pelo Mediterrâneo, cujo mar banhava as sociedades gregas, romanas e africanas. O contato e a interação foram ratificados através das ações do comércio, processo de transumância, pelas andanças de Heródoto e pela ação de mercenários. O contato produziu a interação cultural, emergindo a *diversidade* de novas crenças, ritos e novos deuses estrangeiros que subverteram por dentro a *unidade* da religião *poliade* dos atenienses. À medida que a diversidade de crenças e ritos vai se consolidando junto aos atenienses, a *pólis* dos atenienses se afasta gradativamente do *ser helênico* provincial e inicia o seu processo de cidadão do mundo helenizado, que se consolida através da realeza dos macedônios, no século a.C.

RELIGION AND MAGIC AMONG THE GREEKS: A FACTOR OF UNIT OR CULTURAL DIVERSITY?

***Abstract:** In the society of the Athenians of the classical period, the religion that linked the men to the gods reveals that it transited through alternative ways such as the practices of magic. The religious rites are defined as a factor of cultural unity and the practices of magic tended to diversity and contradiction among Athenian citizens.*

***Keywords:** magic; rites; religion; athenian; defixiones.*

Documentação escrita

ARISTOTE. **Rhetorique II**. Paris: Les Belles Lettres, 1991.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2007.

HESÍODO. **Os Trabalhos e os Dias**. São Paulo: Editora Iluminuras, 1996.

PLATO. **Protagoras and Meno**. New York: Corenell University Press, 2004.

Referências bibliográficas

BLIER, S. P. **African Vodun: Art, Psychology, and Power**. Chicago: UPC, 1995.

CANDIDO, M. R. **A feitiçaria na Atenas Clássica**. Rio de Janeiro: Faperj, 2004.

- DETIENNE, M. **Os mestres da verdade na Grécia Arcaica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- DICKIE, M.W. **Magic and magicians in the Greco-Roman World**. Routledge, 2003.
- FALGAYRETTE-LEVEAU, C. **Le Geste Kongo**. Paris: Musee Dapper, 2002.
- FIALHO, M.C. Rituais de Cidadania na Grécia Antiga. *In: Cidadania e paideia na Grécia Antiga*. Coimbra: Simões & Linhares, 2010.
- KERCHACHE, J. L. **'Art et les grandes civilisations**. L'Art Africain. Paris: Ed. Mazenod, 1988.
- MATTEI, J. F. **La naissance de la raison en Grèce**. Paris: 1990
- ROMILLY, J. **Magic and rethoric in Ancient Greece**. Cambridge, 1975.
- THEML, N. **Direito e amizade**. http://www2.tjrs.jus.br/institu/memorial/Revis-taJH/vol2n3/05-Neyde_Theml.pdf, (Consultado em: 02/08/2010).
- VERNANT, J-P. **Mito e sociedade na Grécia Antiga**. Rio de Janeiro, 1999.